

QUE O OUVINTE se chame H. Aspira. Agá. Tu, Agá, estás deitado no escuro. Diz-lhe o seu nome. Não se trata mais de saber se está ouvindo indevidamente. De não ser dele que se fala. Embora, de qualquer forma, de ninguém mais, é lógico. De imaginar se são para ele as palavras sussurradas em seu ouvido! Assim faz ele. Assim desaparece aquele vago mal-estar. Aquela vaga esperança. Em alguém com tão poucas oportunidades de sentir. Tão pouco capaz de sentir. Até onde pode pedir alguma coisa, não pedindo nada melhor do que nada sentir. Será desejável? Não. Em consequência disso, ganharia em companheirismo? Não. Então, que não se o chame de H. Deixá-lo ser como era, novamente. O ouvinte. Sem nome. Tu.

IMAGINA MAIS atentamente o lugar onde ele está deitado. Dentro do razoável. A voz ao longe dá uma pista do

formato e dimensões. Afastando-se para longe ou ali, em saltos bruscos, ou recomeçando dali, após uma pausa. De cima e de todos os lados e níveis, com igual alheamento, esteja ela distante ou próxima. Nunca de baixo. Até o momento. Sugerindo alguém que está deitado no chão de uma câmara hemisférica de diâmetro amplo, tendo o ouvido como centro. Quão amplo? Dada a debilidade da voz, em seu tom menos débil, talvez haja uns vinte metros ou dez, do ouvido a qualquer ponto dado da superfície circundante. Isso quanto ao formato e dimensões. E de que é feita? Qual e onde a pista para aquilo, se existe alguma em algum lugar. Deixa de lado, no momento. Basalto é tentador. Basalto negro. Mas deixa de lado, no momento. Assim pensa ele consigo mesmo, enquanto a voz e o ouvinte perdem o interesse. Porém, pensando mais, vê que pensou mal. Pois com que direito afirma, a respeito de um som